

Universidade de Brasília - UNB

Universidade Aberta do Brasil - UAB

Licenciatura em Artes Visuais

FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE E O USO DA PINTURA:

Perspectivas dos professores de Barretos - SP

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade de Brasília, por Fabiana Vigo Azevedo Borges, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof.^a Ms.^a Maria Gorete Vulcão.

Barretos/SP
2011

FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE E O USO DA PINTURA:

Perspectivas dos professores de Barretos - SP

Trabalho de conclusão de curso apresentado á Universidade de Brasília, por Fabiana Vigo Azevedo Borges, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof^a Ms^a Maria Goretti Vulcão

Barretos/SP
2011
FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE E O USO DA PINTURA:
Perspectivas dos professores de Barretos - SP

Trabalho Final de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais.

Aprovada em ____ de _____ de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Maria Goretti Vieira Vulcão

Co-orientadora: Maria Ester Toledo

UNB

Profº Christus Menezes da Nobrega

UNB

Prof. Angela Organo Possato

UNB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente á Deus, que sempre iluminou meus pensamentos e ações para que trilhasse essa caminhada. Obrigada.

Dedico ainda, ao meu esposo Eduardo, que esteve do meu lado em todos os momentos.

Aos meus filhos, Pedro e Rodrigo, como forma de agradecimento pela felicidade de tê-los em minha vida.

Por fim, dedico este trabalho à minha mãe, que sempre ofereceu apoio e auxílio, e me permitiu a realização desta formação universitária.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço á minha tutora presencial Ângela Possato, que esteve sempre disposta a me ajudar e orientar.

Agradeço ainda, aos professores que participaram desta pesquisa e que permitiram a realização da mesma.

SUMÁRIO:

RESUMO.....	7
APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo 1: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE	14
1.1- Aspectos Legais da Formação em Artes Visuais	14
1.2- Requisitos ao professor de Artes no município de Barretos	18
1.2- Base de Conhecimento em Artes Visuais	19
Capítulo 2: A IMAGEM A PARTIR DO TRABALHO COM A PINTURA NO ENSINO DE ARTE	22
Capítulo 3: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE ARTE	26
3.1- Qual a formação dos professores de artes?	26
3.2- Prática profissional: a pintura em questão	28
3.3-Análise das necessidades formativas.....	35
CONCLUSÃO	38
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXO	43

RESUMO

Este trabalho tem como intenção investigar as necessidades formativas dos professores de Arte, da cidade de Barretos, considerando o domínio técnico da pintura, relacionando-a com a formação inicial, a partir da perspectiva desses professores. Esta pesquisa descreve as bases legais para a formação do professor de Artes Visuais e a realidade do município considerado, bem como, aponta a base do conhecimento da pintura. Realizamos ainda um levantamento bibliográfico sobre a formação do professor de Arte e sobre o trabalho com a pintura, relacionando a fala dos professores com o referencial considerado, e analisando-a de forma reflexiva. Através do desenvolvimento do presente estudo, foi possível observar que o domínio técnico da pintura é importante para o trabalho na sala de Aula e que este é contemplado, na percepção dos entrevistados, na formação inicial, embora mencionem algumas exceções, quando consideram outros colegas. As necessidades formativas envolvem o contexto de trabalho de cada professor e as políticas públicas.

Palavras-chave: Professor de Arte - necessidades formativas - pintura.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho trata de pesquisa realizada com professores de arte, considerando a prática docente em relação ao uso da imagem no trabalho com a pintura na sala de aula. Em termos de ciclo de ensino, a pesquisa enfocou o Ensino Fundamental II, a partir das perspectivas dos professores de Barretos frente à sua formação inicial e suas necessidades formativas.

Nesta pesquisa, apresentamos reflexões acerca da formação inicial do professor de Artes Visuais e sobre a Base de Conhecimento que ele precisa reunir em sua formação, apontando quais seriam os eixos norteadores desse conhecimento, tendo como foco a linguagem da pintura. Discutimos, ainda, o uso da imagem a partir do trabalho com a pintura, desenvolvendo algumas reflexões teóricas sobre este tema e apontando algumas alternativas.

Por fim, apresentamos os dados sobre a prática docente, coletados a partir de entrevistas com professores de Arte de escolas particulares e públicas da cidade de Barretos, considerando o Ensino Fundamental - ciclo II, que abrange do 6º ao 9º ano. Esses dados foram analisados, a luz do referencial teórico, considerada a formação inicial.

Para essa análise dos dados coletados nos sustentamos nas afirmações de FERRAZ e FUSARI (2010) que afirmam que é necessário que o professor saiba arte e saiba ensinar arte. Neste sentido, é importante ter conhecimento específico sobre artes visuais, entre outras linguagens, e conhecer como transmitir esse conhecimento, ou melhor, como ensinar esses conhecimentos, de forma que haja a aprendizagem. No caso do professor de arte, a sua prática-teoria artística e estética deve estar conectada a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas (Ibidem, p. 51).

De modo concomitante, utilizamos também como suporte teórico as ideias difundidas pelas pesquisadoras, Arslan e Iavelberg (2006), que defendem a formação docente prático-reflexiva, que acredita no desenvolvimento do ser humano e considerando-o na própria ação educativa. O que significa que é essencial uma formação inicial e contínua que considere as necessidades reais, bem como as orientações políticas nacionais e a própria formação técnica artística, que permita o domínio do conhecimento a ser ensinado na escola de Ensino Fundamental e Médio, afinal “não se pode ensinar aquilo que não se conhece” (Arslan e Iavelberg, 2006 , pág. 6), por isso a formação inicial não é

apenas um requisito básico legal, pois permite aos futuros professores aprendizagem do universo artístico que compõe sua disciplina.

Complementamos esse reporte teórico utilizando a pesquisa de SHULMAN (1987) sobre base de conhecimento docente. Segundo MIZUKAMI(2004), pesquisadora que estudou Shulman, a base de conhecimento para o ensino consiste nas compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições que são necessários para o professor ensinar. Essa base envolve o conhecimento do conteúdo específico, o conhecimento pedagógico geral e o conhecimento pedagógico do conteúdo. De acordo com essa concepção a aprendizagem da docência é um processo contínuo, que se começa na formação inicial e se prolonga por toda a vida profissional.

Já em relação ao trabalho com imagem na sala de aula, utilizamos como base teórica a ideia apresentada por BARBOSA (2005) que nos apresenta a “proposta triangular” que prevê a leitura (apreciação), a compreensão contextual (história e contexto em que a obra foi criada) e a produção artística (fazer artístico). Segundo Barbosa (2005) é importante que o professor se convença da importância da contextualização e da produção artística baseada em imagens.

Relacionando as afirmações de SHULMAN (1987), com as ideias defendidas por BARBOSA (2005) concluímos que o trabalho com a imagem na pintura deve ser considerado já na formação inicial do professor, compondo junto com outros conteúdos, a base do conhecimento específico. É importante destacar que o desenvolvimento dessa base de conhecimento também está ligado às experiências práticas e às propostas pedagógicas encontradas na escola em que os professores atuam.

Sendo assim, considerando os diferentes contextos escolares, na presente pesquisa procuramos ouvir os professores em relação às suas realidades e tecemos algumas reflexões sobre as necessidades formativas, a partir da prática do professor e de sua perspectiva em relação a essa prática.

Acreditamos que, ao “ouvir” um grupo de professores que atuam no ciclo indicado (6º ao 9º anos do Ensino Fundamental), podemos compreender quais as necessidades e como elas estão atendidas na formação inicial e, assim, contribuir para o debate em torno da formação do professor de Arte.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a disciplina Arte é considerada componente curricular obrigatório, a partir da lei 9394/96, lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em todos os níveis de ensino da Educação Básica brasileira, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Para isso, essa disciplina desenvolve-se em diferentes linguagens artísticas, a saber: Artes Visuais, Dança, Teatro e Música. A presente pesquisa pretendeu focar as Artes Visuais na prática docente do Ensino Fundamental - II (6º ao 9º anos), ciclo ao qual se destina esta pesquisa.

É importante considerar que as Artes Visuais, no contexto educacional brasileiro, desenvolvem-se a partir de diferentes formas de expressão e linguagens: pintura, escultura, gravura, entre outras, sempre procurando desenvolver nos alunos a habilidade de entender e valorizar, experimentar, criar e/ou produzir artisticamente, enfim, de compreender as manifestações humanas no que tange a esse universo artístico.

Neste sentido, a presente pesquisa busca compreender a formação do professor de Artes, especificamente de Artes Visuais, sob a perspectiva do trabalho com a imagem, a partir da pintura, caracterizando, sob esse aspecto, a base de conhecimento do professor de Arte em relação ao trabalho com a imagem, considerando a perspectiva prática de professores de Barretos e a sua formação inicial.

Dessa forma, visamos uma investigação que busque identificar quais e que tipos de necessidades a prática docente pressupõe em relação ao trabalho com imagem a partir da pintura, bem como, avaliar a própria relação desse conhecimento artístico com o pedagógico, já que acreditamos que a docência se configura na relação do ensino e a aprendizagem, exigindo uma postura pedagógica, ou seja, para ensinar é importante conhecer o que se ensina e qual a melhor forma de ensinar.

Sendo assim, esta investigação tem como foco orientador o seguinte questionamento: “Quais as necessidades formativas frente ao trabalho com imagem a partir da pintura na sala de aula?” Para esta reflexão, levamos em conta a própria realidade educacional do referido município e consideramos como campo de atuação a própria escola.

Neste sentido, é necessário esclarecer que consideramos “Imagem” o que nos apresenta JOLY (1996), como “algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção do sujeito imaginário ou concreto, a imagem passa por alguém que a produz ou a reconhece” (JOLY

Martine, 1996, p. 13). A autora esclarece, ainda, que existem várias formas de compreender as imagens e que essas também assumem diferentes características, mas que, de forma geral, indicam a representação visual de um objeto, de uma cena, de um ser. Neste contexto, a imagem é um dos objetos de estudo das Artes Visuais. Por isto, decidimos considerar, na pesquisa, o trabalho prático dos professores com as representações visuais, a partir da pintura, pois, entre os conteúdos previstos para o ensino de Arte na Educação Básica, preestabelecidos pelos PCN's (1997), referentes ao Ensino Fundamental (primeiro ao nono anos), encontramos a pintura. Assim, entre os blocos de conteúdos que devem ser trabalhados neste nível educacional, destacamos: “as artes visuais no fazer dos alunos: desenho, pintura, colagem, escultura, gravura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, histórias em quadrinhos, produções informatizadas” (Ibidem, p. 62, grifos nossos).

Acreditamos que, dando voz a um grupo de professores que atuam no ciclo indicado, podemos identificar mais claramente como se desenvolve sua formação inicial e quais são suas necessidades e deficiências mais relevantes.

Nosso interesse em torno da pesquisa se intensificou devido à experiência adquirida na prática em sala de aula, durante a realização dos estágios supervisionados, onde foram observadas algumas necessidades docentes frente a uma das áreas mais exploradas no universo artístico, que é a imagem a partir da pintura. Essas observações podem fazer parte de uma simples impressão, ou mesmo de uma realidade maior, o que justifica a necessidade de realização de uma pesquisa que busque responder a questão proposta sobre a necessidade de conhecimentos específicos em pintura.

Se pensarmos no contexto social, esta pesquisa é importante, pois procura esclarecer o processo de formação do professor de Artes, considerando como os docentes a percebem em sua prática pedagógica, o que, desde já, justifica a pesquisa que foca seus argumentos no docente atuante em escolas de Ensino Fundamental.

Acreditamos que a partir do conhecimento da análise sobre a formação do professor, podemos esclarecer diversos aspectos desse processo, por meio da identificação das necessidades de formação teórica para a prática docente, já que, atualmente, de forma geral, há muitos desafios a serem atingidos no campo da docência, principalmente considerando a área de Arte-Educação.

Um desses desafios diz respeito à própria complexidade da prática, que exige do professor uma formação cada vez mais ampla, que envolve o domínio do conteúdo específico, das características gerais dos alunos, das diferentes formas de trabalhar esse

conteúdo (das metodologias), de questões que atravessam o universo de sala de aula, como a indisciplina e uso de novas tecnologias. São muitas as questões a resolver de modo a atingir o objetivo da aprendizagem de forma satisfatória.

Neste sentido, é essencial destacar que a presente pesquisa, ao propor essa investigação sobre a formação do professor de Artes Visuais, procura focar a análise na Formação Inicial, que acontece atualmente nos cursos de graduação em nível superior de licenciatura. Acreditamos que essa formação oferece as bases conceituais e específicas para atuação profissional, entretanto, não desconsideramos a compreensão da docência como uma atividade que se configura numa eterna aprendizagem, já que os professores estão sempre aprendendo, devido a sua complexa atuação e diversidade de público, de contexto, etc.

Para alcançar os objetivos propostos, optamos por desenvolver a pesquisa em três momentos distintos. A princípio, realizamos um estudo bibliográfico, tendo como base a literatura específica sobre a formação de professores de Arte. Em seguida realizamos também uma análise de documentos oficiais, que configuram parâmetros legais de formação. Numa segunda etapa, elaboramos um roteiro de entrevista que buscou identificar as opiniões e os conhecimentos que os professores que atuam na escola possuem sobre sua formação inicial em relação à pintura e o trabalho com imagem, bem como quais são suas necessidades práticas em relação à pintura como conteúdo a ser ensinado nessa etapa da escolarização.

No levantamento feito na última etapa, tabulamos dados sobre a formação inicial dos professores, tais como: curso de formação, ano de conclusão e tempo de atuação no Ensino Fundamental. Foi importante também elaborar questões que visavam esclarecer como se dá a prática de pintura na sala de aula atualmente, bem como, pesquisar sobre quais são as necessidades formativas desses professores. Nessa etapa, entrevistamos quatro professores que atuam em escolas do município de Barretos. É importante destacar que esses professores assinaram o “Termo de Livre Esclarecimento”¹.

Num terceiro momento, realizamos a tabulação dos dados e analisamos a relação desses dados com a revisão bibliográfica apresentada, o que possibilitou uma análise crítica que considerou a realidade da cidade. Acreditamos que essa etapa forneceu os dados

¹ O termo de livre esclarecimento é um documento exigido pelo comitê de ética em pesquisa, que deve ser assinado por aqueles que participam da pesquisa, colaborando para a coleta de dados. Ao assinar esse documento os participantes se declaram cientes dos objetivos da pesquisa e concordam com a participação.

mais ricos e fundamentais para nossa conclusão, de forma a permitir elencar importantes sugestões, sempre tendo como foco, o trabalho com a imagem e a competência do domínio técnico em pintura, no trabalho em sala de aula.

Em suma, o presente trabalho se propôs a realizar uma investigação que considerasse a realidade educacional e a prática docente, o que possibilitou inclusive um aumento significativo de conhecimento sobre os contextos de atuação do licenciado em Artes em Barretos.

Capítulo1

ITEM 1 - A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE: ASPECTOS LEGAIS E BASE DE CONHECIMENTO

No presente capítulo procuramos desenvolver um estudo sobre a formação do professor em Artes Visuais, buscando compreender suas orientações legais e, em seguida, analisamos alguns aspectos que compõem a base de conhecimento do professor de Artes Visuais, visando esclarecer como se dá a formação do professor de Artes em Barretos.

1.1- Aspectos Legais da Formação em Artes Visuais

A formação inicial é a primeira etapa formativa intencional de qualquer profissão, diz respeito ao estudo que permite o conhecimento teórico e prático referente à formação escolhida. Diz respeito ao momento onde o estudante é formado dentro da especificidade de seu campo de atuação. Tendo em vista o professor de Artes, é correto afirmar que, desde a lei 5692/71, é necessário o grau universitário (Barbosa, 2005), nível em que está prevista uma série de orientações legais e uma base curricular nacional que deve ser considerada pelos cursos de formação. A referida lei também prevê a criação dos Cursos de Licenciatura Curta em Educação Artística, na década de 1970.

Entretanto, é importante observar as transformações sociais, culturais e pedagógicas do contexto educacional e como estas estão associadas diretamente à formação dos professores. Neste sentido, Vasconcellos (2008) destaca que, pensando na disciplina de Arte, já vivenciamos a transformação de Desenho em Educação Artística e, atualmente, em Ensino de Arte. Sendo assim, concordamos com Hernández (2005), quando ele afirma que é importante pensar constantemente a formação do professor, já que:

(...) pensar sobre a formação docente não é apenas uma necessidade acadêmica, mas uma urgência social. A instituição escolar segue presa a um passado de cento e cinquenta anos, quando foi fundada, enquanto os docentes têm a missão de oferecer o desejo de aprender a sujeitos que vivem num mundo contraditório e que sofre mudanças constantes (p. 9).

Uma visão crítica em torno da formação de professores no Brasil foi assumida por Ana Mae Barbosa (1990), que pesquisou sobre a formação e concepção artística de professores, criticando o “currículo mínimo estabelecido, que não é adequado para

preparar professores capazes de definirem seus objetivos e estabelecerem suas metodologias”, referindo-se à política curricular de formação de professores, estabelecida pela lei 5692/71.

Porém, atualmente, muita coisa mudou, a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, com destaque ao parágrafo §2º, que cria a obrigatoriedade do ensino de Arte no Brasil como disciplina curricular, sendo esta disciplina introduzida na Educação Infantil, no Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, mantendo-a do 6º ao 9º ano desse mesmo nível de ensino e extinguindo, assim, a antiga Educação Artística. Vemos, de acordo com a mesma legislação, a necessidade de formação em nível superior para todos os professores de Arte que pretendem atuar nas escolas brasileiras.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9394/96, sob a ótica da formação do professor de Arte, segundo Vasconcellos (2008), acaba indicando que a “especificidade precisava ser deflagrada na formação inicial e qualquer diálogo com outra linguagem foi encerrada”. Essa medida estimulou a criação de licenciatura em Artes Visuais, em Teatro e em Música, porém todos podendo lecionar a disciplina de Artes.

Segundo Silva (2010), podemos afirmar que:

A necessidade do oferecimento do ensino de arte não-polivalente, a partir da formação de professores por área (música, teatro, artes visuais, dança) e a defesa do espaço da Arte como componente curricular obrigatório garantiram o texto da atual legislação, que, longe de ser o que os educadores desejavam, retrata esse contexto de correlação de forças entre o movimento civil organizado e as bases políticas representadas pelos parlamentares.

Neste sentido, ao examinarmos as “Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura” (CNE/CES, 280/5007), encontramos recomendações específicas à formação desse profissional. Essas diretrizes preveem o perfil do formando/profissional de Artes, suas competências, habilidades e atitudes frente à sua atuação profissional, os conteúdos e a organização curricular, bem como a necessidade de estágio e atividades complementares, e, por fim, o próprio processo de avaliação.

O mesmo documento dá destaque à formação em curso superior que complete a especificidade de cada área, contemplando as diferentes especificidades artísticas: música, dança, teatro e artes visuais e não mais a polivalência e sua generalidade preconizadas pela lei nº 5.692/71.

Segundo o Parecer CNE/CES nº280/2007, o perfil desejado do formando em Artes Visuais é do profissional habilitado para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais, com uma formação que contemple o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual.

Na referida orientação legal, há uma separação entre a formação do bacharel e a do licenciado. No caso da licenciatura, temos a seguinte menção: “através da aquisição de conhecimentos específicos de metodologias de ensino na área, o licenciado aciona um processo multiplicador ao exercício da sensibilidade artística.” Ou seja, há uma preocupação metodológica com o ensino e a aprendizagem dessa linguagem, por isso acreditamos que a preparação para o ensino deve estar em consonância com as necessidades escolares e com os objetivos do ensino fundamental e médio, níveis em que essa disciplina de Arte é componente obrigatório.

Outra orientação legal, anterior às diretrizes discutidas acima, e que deve ser considerada, diz respeito às orientações curriculares para o Ensino Fundamental, publicadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1997), que delimitam o currículo que deve ser implantado em todo território brasileiro. Consideramos que, apesar dos PCN's ditarem um padrão curricular nacional específico para o Ensino Fundamental, ele acaba influenciando a própria formação do professor que atuará nestes ciclos, já que prevê os objetivos e conteúdos a serem desenvolvidos.

Sendo assim, observando os Parâmetros Curriculares de Arte, encontramos a definição do universo artístico como “um tipo particular de conhecimento que o ser humano produz a partir das perguntas fundamentais que desde sempre se fez com relação ao seu lugar no mundo” (PCN-Arte, p.32, 1997). A arte é compreendida como uma linguagem plural, construída pelos homens e para os homens, que deve ser explorada na escola como forma de compreensão do próprio mundo.

Neste sentido, podemos definir uma Arte-educação numa perspectiva que permite a própria humanização do ser humano, pois, segundo o mesmo documento,

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas, quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza, e nas diferentes culturas (Ibidem, pág. 19).

Ou seja, apregoa-se uma educação que permita o desenvolvimento do ser humano a

partir de suas relações e linguagens com o mundo, inclusive com a linguagem artística. E, para essa educação, é necessário que a formação docente seja comprometida com a humanização e com o desenvolvimento artístico.

Duas pesquisadoras, Arslan e Iavelberg (2006), defendem a formação docente prático-reflexiva, que acredita no desenvolvimento do ser humano e considerando-o na própria ação educativa, por isso afirmam que:

(...) os modos de aprendizagem dos alunos requerem base sólida de conteúdos vinculados às habilidades e competências, articulados às modalidades de acesso aos saberes na atualidade, para que exista um processo autogerido de formação permanente, tanto para o professor como para os alunos, na formação do educador prático-reflexivo (Ibidem, pág.6).

Seguindo esse raciocínio, encontramos LANIER (2002) que afirma que o importante é compreender que o aluno possui experiências estéticas prévias ao acesso à escola, e que essas devem ser consideradas, e não rejeitadas, permitindo o desenvolvimento a partir delas. Segundo ele, “não a introduzimos para nossos alunos, mas a incrementamos a partir de algo que já está lá” (Ibidem, p. 46). O que significa que é essencial uma formação inicial e contínua que considere as necessidades reais, bem como as orientações políticas nacionais e a própria formação técnica artística, que permita o domínio do conhecimento a ser ensinado na escola de Ensino Fundamental e Médio, afinal, “ninguém pode ensinar o que não sabe” (Arslan e Iavelberg, 2006).

A formação docente, seja inicial ou continuada, é fator importante para a qualidade educacional e para a aprendizagem, pois deve estar em consonância com as orientações legais para os conteúdos, considerando as necessidades dos alunos.

Na visão de FERRAZ e FUSARI (2010) é essencial que o professor saiba arte e saiba ensinar arte:

O compromisso com um projeto educativo que vise reformulações qualitativas na escola precisa do desenvolvimento, em profundidade, de saberes necessários para um competente trabalho pedagógico. No caso do professor de arte, a sua prática-teoria artística e estética deve estar conectada a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas (Ibidem, p. 51).

É fundamental que o professor tenha formação para ensinar artes. Uma formação que vá além de qualificação ou que permita o desenvolvimento de conhecimentos sólidos e coerentes com a prática docente. De forma sucinta, é necessário “saber arte e saber ser professor de arte” FERRAZ e FUSARI (2010). Neste sentido, é importante ter

conhecimento específico sobre artes visuais e conhecer como transmitir esse conhecimento, ou melhor, como ensinar esses conhecimentos, de forma que haja a aprendizagem.

Entretanto, compreendemos que o ensino de arte não se restringe á transposição didática de conteúdos, é necessário mais do que o conhecimento específico, é importante o desenvolvimento do conhecimento pedagógico e do conhecimento pedagógico do conteúdo, conhecimentos que compõem a base de conhecimento docente, que será discutida no item 1.3.

1.2- Requisitos para lecionar Arte no município de Barretos

O município de Barretos possui rede de ensino própria, bem como é responsável pela autorização e acompanhamento das redes particulares no nível Fundamental. Neste sentido, possui sob sua responsabilidade duas (2) escolas públicas que oferecem o ensino de 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental - também conhecido como Fundamental II e/ou Ciclo II do Ensino Fundamental. Por outro lado, se considerarmos as escolas particulares, encontramos cinco (5) escolas que oferecem o segundo ciclo do Ensino Fundamental (5º ao 9º anos). Nessas escolas podemos observar a destinação de 2 horas-aula semanais da disciplina de Arte por ano escolar, entretanto não há, ainda, uma orientação curricular única que deve ser seguida por todas as escolas.

Em relação aos requisitos mínimos para lecionar a disciplina de Arte, podemos afirmar que está de acordo com as orientações legais da Lei de Diretrizes de Bases na Educação Nacional (lei 9394/96), já que no Edital do Processo Seletivo Externo n.º 001/2011 (SMEEL, 2011), para constituição de cadastro para provimento de contrato temporário do quadro de professores, encontramos como requisito básico a formação concluída em licenciatura Plena, na disciplina a que se pretende concorrer, ou seja, em Arte.

1.3 - Base de Conhecimento em Artes Visuais

É correto afirmar que os professores dispõem de uma base de conhecimento, composta por diferentes tipos e natureza, que sustentam suas decisões e orientam a sua prática. Conforme esclarece SHULMAN (1987), a base de conhecimento para o ensino

consiste nas compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições que são necessários para o professor ensinar. Essa base envolve o conhecimento do conteúdo específico, o conhecimento pedagógico geral e o conhecimento pedagógico do conteúdo. Essa base é constantemente desenvolvida por meio de um processo que SHULMAN (1987) denominou de Raciocínio Pedagógico, um processo ligado ao ato de ensinar, ou seja, a própria prática, e envolve a compreensão, a transformação, a instrução, a avaliação, a reflexão e a nova compreensão.

Neste sentido, percebemos que a aprendizagem docente se intensifica na Formação Inicial, no caso do licenciando em Artes Visuais no nível universitário, onde se propõe o desenvolvimento do conhecimento do conteúdo específico, bem como do conhecimento pedagógico do conteúdo, pois mesmo que o estudante tenha algum conhecimento técnico prévio é na formação inicial que se desenvolvem os conteúdos específicos para a docência. Para ilustrar esse fato podemos citar, por exemplo, o caso dos artistas plásticos que possuem domínio da técnica, mas não possuem o domínio pedagógico.

Entretanto, sabemos que o processo de construção da docência tem continuidade, através da aprendizagem da prática, do cotidiano na sala de aula, das dificuldades e das facilidades que a prática e a experiência prática produzem.

Sendo assim, é correto afirmar que a docência, seja em Arte ou de forma geral, pressupõe uma aprendizagem contínua, mesmo porque, os alunos estão em constantes mudanças. Assim, talvez não exista um saber fechado, imutável, principalmente porque a atividade docente lida com seres humanos, que estão em movimento, num eterno processo de aprendizagem.

Desse modo, concordamos com Mizukami (2004), que defende “a concepção de que a aprendizagem da docência é um processo contínuo que começa antes da preparação formal nos cursos específicos, prosseguem ao longo deste e permeiam toda a prática profissional.” (Ibidem, pág.32)

Sob este aspecto e visando atingir o objetivo da presente pesquisa, devemos refletir sobre quais são os conteúdos específicos e pedagógicos que compõem a base do conhecimento do professor de Arte, no que se refere ao trabalho com a imagem, dentro do universo da pintura, destacando a importância do domínio técnico da pintura. É importante também, a partir do cotidiano do professor, perceber quais são as necessidades que a prática exige em relação ao domínio técnico em pintura?

Analisando os conteúdos curriculares previstos para a formação do professor em

Artes Visuais previstos pelo Parecer CNE/CES nº280/2007, podemos perceber três níveis, que, em nossa concepção, estão ligados diretamente ao conhecimento específico do conteúdo e ao conhecimento pedagógico geral. Vamos analisar cada um dos níveis apresentados por esse documento.

No nível básico, encontramos a necessidade de estudos sobre a fundamentação teórico-prática relativa à especificidade da percepção, criação e reflexão sobre o fenômeno visual (Parecer CNE/CES nº280/2007, p. 5). Podemos considerar que essa fundamentação teórico-prática compõe a base do conhecimento específico, enquanto aqueles conhecimentos referentes à prática estariam compondo a própria base de conhecimento pedagógico.

No nível de desenvolvimento, encontramos os “estudos e processos de interação com outras áreas do conhecimento, tais como filosofia, estética, sociologia, comunicação e teorias do conhecimento, com o objetivo de fazer emergir e amadurecer a linguagem pessoal do formando, através da elaboração e execução de seus projetos” (Parecer CNE/CES nº280/2007, p. 5). Novamente, vemos o desenvolvimento do conhecimento pedagógico por meio do trabalho com as teorias do conhecimento, bem como o desenvolvimento da base do conhecimento específico, quando se trabalha com a interação teórica com outras disciplinas.

Já no nível de aprofundamento, temos o desenvolvimento do formando sob a orientação de um professor, buscando vínculos de qualificação técnica e conceitual compatíveis com a realidade mais ampla no contexto da arte. Acreditamos que nesse nível o licenciando estará desenvolvendo, conforme o tipo de orientação, conhecimentos referentes à base de conhecimento pedagógico sobre conteúdos a serem trabalhados.

O parecer recomenda ainda o cumprimento ao disposto na resolução CNE/CP nº 1/2002, que prevê como conteúdo curricular do curso de Artes Visuais,

- I- o ensino visando à aprendizagem do aluno,
- II- o colhimento e o trato da diversidade;
- III- o exercício de atividades de enriquecimento cultural;
- IV- o aprimoramento em práticas investigativas;
- V- a elaboração e execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
- VI- o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;
- VII- o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe (CNE/CP n 1/2002 apud Parecer CNE/CES nº280/2007, p. 6).

Podemos perceber uma preocupação com a formação do professor de Artes Visuais, a

partir de uma proposta curricular que estimule o desenvolvimento dessa base de conhecimento da docência em suas diversas partes, estimulando inclusive a pesquisa e a reflexão sobre a prática. De forma ampla, podemos apontar o trabalho com a imagem a partir da pintura, presente na recomendação de considerar os conteúdos curriculares e o ensino.

Capítulo 2

A IMAGEM A PARTIR DO TRABALHO COM A PINTURA NO ENSINO DE ARTE

A imagem está presente nas Artes Visuais em sua própria constituição, já que esse universo artístico diz respeito á representatividade visual, gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou objetos, e, por que não, do cotidiano e do mundo. Enfim, a imagem em Artes é a mesma coisa que as palavras para a literatura. Sendo assim, percebemos que uma das expressões artísticas onde está presente a imagem é a pintura.

Compreendemos a pintura como uma das linguagens artísticas, que envolvem a representação de imagens utilizando formas, linhas, cores e texturas. A pintura está presente no Ensino Fundamental e pode ser vivenciada de diversas maneiras, expressa no contexto histórico das chamadas “Obras de Arte”, que representam períodos e culturas diferentes, conforme essas relações contextuais.

É possível afirmar que a pintura era utilizada desde a pré-história, haja vista as pinturas iconográficas nas paredes das cavernas, onde se utilizavam materiais primitivos, puramente naturais, tais como: carvão vegetal, sangue e gordura de animais, para pintar com os dedos e instrumentos feitos de penas ou pelos.

O desenvolvimento da pintura está ligado à introdução gradual de novos materiais ao longo do tempo. Segundo pesquisa realizada por NUNES e SILVA (2009), os instrumentos aprimorados:

(...) começaram a surgir como tintas extraídas de plantas e minerais, trituradas entre duas pedras, na Idade Média, o pó que originava era misturado a um ingrediente extraído do ovo, mas havia um inconveniente, a secagem era rápida, esse processo se chamava têmpera. Jan van Eyck insatisfeito com essa situação começou a usar óleo em vez de ovo, facilitando o ato de pintar (2009, pág 11).

Ainda segundo NUNES e SILVA (2009), a pintura em tela surgiu na idade Média, no começo do Renascimento, permitindo o desenvolvimento de técnicas de ação pictórica. Neste sentido, destacamos que essa evolução permitiu inclusive a diversidade de criação, pois, conforme observa Ostrower (2008):

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível- cultural- consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem

crystalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia (p. 27).

A criação está ligada aos materiais e ao contexto em que se insere, pois a cultura, o meio ambiente e a própria atmosfera influenciam o trabalho artístico de forma geral, e com a pintura não poderia ser diferente, já que ela está intimamente relacionada com a história e com o contexto em que é produzida.

Entretanto, é possível afirmar, baseada em Ferreira (2009), que a realidade da prática artística em muitas escolas no Brasil ainda é precária, com predomínio de um ensino pautado na cópia de desenhos/ obras e na pintura reprodutivista. Segundo FERREIRA (2009):

(...) o especialista em arte na escola pública, especificamente no Ensino Fundamental, vê-se em meio a tantas linguagens que, muitas vezes, ao querer trabalhar todas elas, acaba se perdendo na continuidade de atividades, fragmentando-as; ainda mais, muda de uma linguagem para outra sem conexão sistemática. Para a criança que está em fase de construção do pensamento em sua aprendizagem, essa forma de atuação não contribui muito, pois as atividades passam a ser vistas como algo descontextualizado. O reconhecimento das linguagens da arte como forma de representação e não apenas como entretenimento apresenta-se relevante (...) (Ibidem, p. 21/22).

A pintura como uma forma de conteúdo ainda é uma prática distante de ser significativa para os alunos. BARBOSA (1990), mesmo depois de passados mais de 20 anos, parece atual ao afirmar que:

Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 e 1973. Evoluções não têm lugar em salas de aula nas escolas públicas. (BARBOSA, 1975, p.86-7).

O trabalho com pintura na sala de aula oferece grandes possibilidades. Destacamos a própria “metodologia triangular” que prevê a leitura (apreciação), a compreensão contextual (história e contexto em que a obra foi criada) e a produção artística (fazer artístico). Para Barbosa (2005), é necessário recuperar o conteúdo da Arte educação. Segundo essa grande arte-educadora, é necessário convencer os arte-educadores da importância da contextualização e da produção artística baseada em imagens no trabalho com crianças, pois:

1- Que o artista utiliza imagens de outros artistas não temos

o direito de sonegar estas imagens às crianças.

- 2- Que se preparamos as crianças para lerem imagens produzidas por artistas, as estamos preparando para ler as imagens que as cercam em seu meio ambiente.
- 3- Que a percepção pura da criança sem influência de imagens não existe realmente, uma vez que está provado que 82% de nosso conhecimento informal vêm de imagens.
- 4- Que no aprendizado artístico, a mimese está presente como busca de semelhança (sentido grego) e não cópia (sentido romano) (BARBOSA, 2005, p. 20-21).

A proposta prevê a utilização da imagem e, especificamente em nosso caso da pintura, visando uma vivência profunda e não apenas como modelo, num trabalho artístico integrado que busca a compreensão da Arte em seu contexto. Essa utilização da imagem não se restringe à reprodução de quadros nos livros didáticos ou xerocopiados, sendo interessante propor um trabalho de inserção a museus e galerias, para que os alunos possam conhecer diferentes espaços.

O trabalho com pintura, neste sentido, não deve se ater às obras valorizadas pelas classes dominantes. Pelo contrário, este trabalho deve permitir a comunicação entre a cultura da classe alta e a popular, tornando possível a compreensão mútua. O importante é oferecer a todos, instrumentos para a compreensão da Arte.

Neste sentido, cabe nos preocuparmos com a formação do professor e a própria atuação em sala de aula, num sentido de poder desenvolver um trabalho que realmente estimule o aluno a criar/produzir/ contextualizar/ criticar/ analisar, enfim, realmente compreender todo o sentido presente nas Artes Visuais e nas suas imagens, que seja manifestada em diferentes formas (pintura, escultura, gravuras, etc.).

Assim, concordamos com a afirmação de HERNÁNDEZ: “Todo ato educativo tem uma intencionalidade de formação”, portanto, é preciso verificar que tipo de profissional os cursos de graduação, com as suas intencionalidades, estão formando, quais “as concepções e modelos teóricos subjacentes à sua prática, observações e dizeres” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 35). Devemos analisar esse ato educativo, compreendendo a formação desses professores.

Para FERRAZ e FUSARI (2010) a “obra artística só se completa de fato com a participação do espectador, recriando novas dimensões dessa obra a partir do seu grau de compreensão da linguagem, do conteúdo e da expressão do artista”. Neste sentido, defende

que a formação do professor deve estar conectada a “sua prática-teoria artística e estética conectada a uma concepção de arte, assim como a consistentes propostas pedagógicas”.

Em outras palavras, o trabalho com a imagem na pintura deve ser considerado já na formação inicial do professor, compondo junto com outros conteúdos, a base do conhecimento específico. É importante destacar que o desenvolvimento dessa base de conhecimento também está ligado às experiências práticas e às propostas pedagógicas encontradas na escola em que os professores atuarão.

CAPÍTULO 3

COM A PALAVRA OS PROFESSORES DE ARTE

Neste capítulo, apresentamos a análise da “fala” dos professores, demonstrando assim, a percepção e as necessidades dos mesmos, diante das questões relacionadas a sua formação e ao trabalho com a imagem, com a pintura na prática da sala de aula. Dando voz ao professor de arte, podemos perceber e compreender a ação prática da formação inicial dos mesmos.

3.1- Qual a formação dos professores de Artes?

Iniciaremos refletindo sobre a formação inicial dos professores participantes desta pesquisa. Foram quatro professores entrevistados na pesquisa. Verificamos que a formação inicial de todos eles foi realizada na antiga licenciatura em “Educação Artística”, com diferenciação na habilitação, pois três (75%) tinham habilitação em Artes Plásticas, e um (25%) em “ensino de música”. Essa formação está de acordo com a legislação prevista até 2006, pois conforme afirmamos anteriormente, a lei 5692/71 prefigurava a necessidade de formação em grau universitário em Licenciatura em Educação Artística (Barbosa, 2005) com diferentes habilitações.

Sobre a formação podemos apontar ainda que dois professores (50%) se formaram em faculdades privadas, na região de Barretos, e dois deles (50%) se formaram em faculdades públicas próximas à região metropolitana de São Paulo, o que indica que para se conseguir uma formação pública, que tradicionalmente é a que oferece ensino de melhor qualidade, era necessário um deslocamento da cidade de Barretos.

Todos os professores podem ser considerados professores experientes, pois possuem mais de 15 anos² de trabalho docente, em diferentes contextos, como escolas particulares, escolas públicas, projetos artísticos e ateliês. De acordo com Huberman (1992), a presente fase de desenvolvimento profissional em que os professores entrevistados se encontram pode ser denominada “serenidade e/ou conservadorismo”. Podemos afirmar, com base nas respostas desses professores, que eles se encontram na fase de serenidade, já que não percebemos apego ao conservadorismo, percebemos segurança para ministrar as aulas e entusiasmo e comprometimento com as inovações. Sobre os níveis em que os professores lecionaram, podemos afirmar que todos possuem experiência com os diferentes níveis de ensino, “de mamando a caducando, sempre dei aula” (P2)³. Entretanto, é importante

2 Dois professores afirmam que possuem 18 anos de profissão. Outro afirma que possui 16 anos de profissão e outro possui 17 anos.

3 Neste trabalho, preferimos utilizar alguns trechos da entrevista no corpo do texto para ilustrar nossa análise, relacionando com o referencial teórico utilizado.

considerar que nos atemos neste trabalho à experiência com o Ensino Fundamental - ciclo II (5º ao 9º anos).

Em relação á formação inicial, percebemos que apenas um dos professores se encontrava insatisfeito com essa formação, acompanhe no quadro abaixo:

P	“Minha formação foi excepcional, pois mesmo eu tendo habilitação em música, tive uma boa base de artes visuais, e das teorias de Arte em geral”
14P	“Minha formação foi de qualidade, em relação à pintura, já tinha um domínio técnico, pois já era pintora, mas a faculdade me permitiu conhecer um universo bem maior, a história da arte”
2P	“Tive uma boa formação inicial, já que não percebo que nunca tive dificuldades na sala de aula, apesar que temos que estar sempre estudando.”
3P	“Ficou muito a desejar, faltou alguns conteúdos que hoje considero importante para meu trabalho.”
4P	Quadro1 concepções dos professores entrevistados sobre a sua formação inicial
1P	
EP	Fonte: Entrevista individuais realizadas com cada um deles.
3P	
4P	É interessante observar que, para a maioria dos entrevistados, a formação inicial foi de qualidade, eles não apontaram nenhuma deficiência ou necessidade formativa específica a partir do seu trabalho prático. Apenas uma dos professores apontou que a formação inicial não foi satisfatória. Percebemos, ainda, que os professores entrevistados apontaram a formação inicial como responsável apenas pelos saberes específicos do conteúdo, como “teoria da arte”, “história da arte”, etc., o que indica que os saberes pedagógicos foram desconsiderados na formação inicial, na perspectiva dos entrevistados, já que nenhum dos entrevistados fez referências á esse saber.
1P	
2P	
3P	
4	Sob este aspecto concordamos com ARSLAN e IAVELERG (2006) “não se pode ensinar aquilo que não se conhece” (pág. 6), por isso a formação inicial não é apenas um requisito básico legal, pois permite aos futuros professores aprendizagem do universo artístico que compõe sua disciplina.
	Neste sentido, podemos ilustrar com o depoimento de uma das professoras, que não possui o requisito básico legal para lecionar a disciplina - já que a (P2) iniciou seus estudos no nível universitário, fazendo Educação Artística (cursou cerca de 1 ano) e depois por vontade pessoal, transferiu seu curso para Arquitetura e, por conta da prática profissional, que exigia a formação em nível superior, teve que

4 Como foram entrevistados 4 professores, faremos a indicação de cada um usando a letra P para indicar a palavra “Professores”, e o número em referência a ordem dos entrevistados . Assim, P1 se refere às respostas do primeiro professor entrevistado. P2, ao segundo professor.

retornar aos estudos. Segundo ela: “a profissão me escolheu, como as pessoas sabiam que tinha feito um ano de educação artística, sempre fui convidada para dar aulas de Arte, assim, depois de um tempo acabei retornando ao meu curso inicial e terminando Educação Artística”(P.2).

Esse fato comprova o que Barbosa (2005) afirmou sobre a necessidade de formação universitária, pois, “para lecionar a partir da quinta série exigia-se o grau universitário, que a maioria deles não tinha” (Barbosa, 2005, p. 10). Acreditamos que esse fator é positivo, já que passamos a cumprir a legislação, não admitindo professores não habilitados para o ensino dessa disciplina.

A formação dos professores experientes nos antigos cursos de Licenciatura em Educação Artística demonstra coerência com a experiência docente que eles possuem e assim, com a própria fase de desenvolvimento da carreira. Sabemos que se escolhêssemos professores iniciantes como sujeitos de nossa pesquisa, encontraríamos diferenças em relação a sua formação, já que a Licenciatura em Educação Artística foi substituída pelas Licenciaturas Específicas, como em Artes Visuais, que está prevista no parecer discutido acima (CNE/CES nº280/2007).

3.2- Prática profissional: a pintura em questão

Quando iniciamos a parte da entrevista onde o destaque era a prática pedagógica, percebemos o grande comprometimento dos professores entrevistados com a docência. Todos descreveram algumas atividades com a pintura, que era o foco nesse momento, demonstrando bastante entusiasmo com suas práticas e em poder compartilhar das mesmas.

De forma geral, podemos afirmar, a partir das entrevistas realizadas, que a imagem é trabalhada pela pintura, utilizando diferentes materiais, seguindo as correntes e movimentos históricos e com diversas técnicas, como o sombreamento, a oposição luz e sombra. Pra ilustrar, citamos alguns trechos da entrevista de dois professores,

“Eu trabalho muito com meus alunos o guache. Porque de alguma forma vejo que o guache proporciona para gente uma utilidade mais rápida, afinal só temos uma aula por semana, e também mais organização com o aluno, permite que dê continuidade numa próxima aula, ou até mesmo em casa” (P2).

E ainda,

“Faço muita produção artística no caderno de desenho, trabalho com linhas curvas e retas, formas diferenciadas, trabalho o preenchimento da folha, trabalho as cores e a combinação entre elas. Em cada semestre trabalho com um objetivo, conforme a sala. Trabalho também a perspectiva, iniciando com o ponto de fuga, e terminando com um a pintura dela. Não gosto de usar a apostila do estado, pois ficamos muito presos com ela. Também faço desenho livre, ou aquele desenho cego, neste caso quero que os alunos aprendam a pintar.” (P4)

É interessante observar que todos os professores considerados nesta pesquisa deram destaque para a produção artística em suas aulas, sendo que também apontaram a apreciação e a contextualização que ocorria em momentos pontuais do processo de aprendizagem.

A dinâmica citada por alguns professores – dois deles - P1 e P4 – permite-nos aproximar as práticas consideradas á “proposta triangular” desenvolvida por Ana Mae Barbosa (1991), que está centrada em três diretrizes, através das quais o conhecimento em arte é adquirido com inter-relacionamento entre fazer, apreciar e contextualizar historicamente a arte. A base da proposta pode ser vista em três aspectos: 1) o fazer artístico: atividades de produção e criação; 2) a leitura da obra de arte: atividades de apreciação; e 3) a história da arte: atividades de contextualização histórica da obra apreciada (Barbosa, 1991, p. 32).

Acompanhe os destaques das entrevistas:

“Eu faço um trabalho com a pintura que se inicia com as imagens icnográficas, as pinturas dos homens das cavernas. Nesta atividade procuro utilizar pigmentos naturais, como café, terra e areia, etc. Primeiro, apresento algumas imagens dessas pinturas, conto a história e deixo eles falarem sobre o que significa os desenhos, depois fazemos as nossas pinturas. Como há outras linguagens que devem ser trabalhadas, eu não desenvolvo um trabalho com a história da arte sequencial” (P1).

“Trabalho com períodos históricos, por exemplo, o barroco ou o expressionismo, e utilizo alguns artistas marcantes desses movimentos. Procuro apresentar esse artista, demonstrando algumas de suas principais obras. Escolho uma, às vezes trago impressa e coloco na lousa para os alunos verem. Depois, sempre peço uma pesquisa sobre o período e fazemos a releitura dessa obra. Os alunos de escola pública, em geral, só dispõem de lápis de cor, enquanto que os de escola particular têm outros materiais. Aliás, na escola particular seguimos a apostila” (P 3).

De forma geral, podemos observar que no trabalho com pintura de forma variada, alguns possuem objetivos claros, por exemplo, ilustrar e conhecer diferentes movimentos artísticos, como foi o caso da pintura icnográfica, ou mesmo do expressionismo, outros, aparentemente são realizados para “cumprir tabela”, pois não apresentam objetivos claros, como foi o caso do “desenho cego”. É importante destacar ainda que alguns professores fizeram referências a outras linguagens que compõem a Arte, como a Música, Teatro e Dança, e que, por isso, deve-se distribuir equilibradamente o tempo, de forma a permitir o trabalho com as outras linguagens.

“Todo ano em monto um projeto, com o mais diversificado possível, não fico restrito a uma linguagem. A gente vai intercalando (...) é importante ainda considerar a própria realidade dos alunos, e permitir o desenvolvimento, principalmente considerando a história da Arte” (P3).

Percebemos ainda uma preocupação muito grande com a utilização de diferentes materiais. Na verdade, um dos professores afirmou que na escola particular, não há problema em relação á diversificação dos materiais, enquanto na escola pública há uma grande carência de materiais, dispondo o professor apenas de lápis de cor. Um dos professores entrevistados citou, inclusive, que todo material pedido na lista, no caso da escola particular, é adquirido, seja pela escola própria escola, seja pelos pais: “trabalho com lápis 2b, com espuminho, ou giz de cera ou pastel” (P.2). Um dos professores citou a importância de trabalhar com as novas tecnologias: “eu também utilizo a tela do computador para que meus alunos desenhem no paint. Trabalhei com um artesão que fazia todo seu trabalho no paint” (P3).

Essa ênfase em relação ao material que os professores apontaram e a ausência de objetivos críticos em relação à Arte, de forma geral, indica talvez o que Barbosa (2005) afirma em relação à falta de preocupação política dos arte-educadores, que foi enfatizada no movimentos das associações na década de 80 e 90. Essa pode ser uma das lacunas que encontramos na formação desses professores.

No depoimento de um dos professores, vemos, inclusive, um posicionamento crítico em relação a esse aspecto, pois o mesmo afirma que o trabalho com Tarsila do Amaral, na sua visão, está “muito batido” e “não trabalham com a significação do

movimento modernista no Brasil, nem com a contextualização do antropofagismo, esquecendo a parte política que envolve todo esse movimento. Isso é um pecado” (P3).

Já em relação à compreensão das obras, podemos citar o professor 3, o qual afirmou que realizava a leitura (com imagens impressas), a contextualização e a produção (que ele chamou de releitura). Já o P1, também afirmou que faz um trabalho de leitura de obras de arte:

“o objetivo principal é o contato com obras artísticas, permitindo ao aluno reconhecer técnicas e movimentos. Desde o momento que mostro a imagem, a gente faz a leitura de várias formas. Utilizo para isso obras de arte como outras imagens cotidianas, etc (...) trabalho ainda o fluir- contemplação e o Fruir- produção (...). Trabalho a interpretação a partir da percepção de cores, e das sensações que estas transmitem para os alunos, analisamos o tipo de pincelada, as formas e as linhas. Trabalho inclusive a ficha técnica da obra, que traz informações importantes, a começar com o título. Enfim, são três leituras: a formal, a interpretativa- histórica e a sensitiva- que envolve a interpretação livre.” (P1).

Considerando o trabalho de apreciação artística, de forma geral, podemos afirmar que as imagens utilizadas ainda estão restritas àquelas apresentadas nas apostilas das escolas particulares. Neste sentido, vemos um esforço do estado de São Paulo em organizar apostilas bimestrais para serem trabalhadas pelos professores nas escolas. Entretanto, de acordo com o P3: “Não gosto de usar a apostila do estado, pois ficamos muito presa com ela”. Podemos afirmar que, em número menor, ainda acontece o que Barbosa (2005) descreveu sobre “Apreciação artística e história da arte não tem lugar na escola. As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins de livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, e no melhor dos casos as imagens produzidas pelas próprias crianças” (Barbosa, 2005, p. 12).

Percebemos ainda que o trabalho com a imagem e com a pintura ainda está restrito a sala de aula e não inclui espaços destinados a arte. Um dos motivos é que nossa cidade está distante dos grandes centros culturais e artísticos, onde se encontram os grandes museus, exposições de Arte, etc. Talvez por isso, nenhum professor tenha citado um trabalho que envolva visita a exposições artísticas ou excursão artística, entretanto, um dos professores afirmou que, inclusive quando há exposições na referida cidade, o público não participa, “há um resistência cultural,

pois mesmo que existam exposições não há público para tal (...). Na verdade, acreditamos que o aspecto de desenvolvimento cultural seja um dos objetivos do trabalho com Arte, permitindo o desenvolvimento de uma conscientização artística e também o aprimoramento cultural dos estudantes.

Quando observamos a consciência crítica em relação a seu papel docente, podemos destacar que há uma busca pela valorização da Arte e do profissionalismo dentro da profissão. Sob este aspecto, podemos destacar a afirmação do P4, que diz “não está na escola para enfeitar o pátio, eu posso até ajudar, como os outros professores também devem ajudar” (P4). E ainda, o P1, ao descrever a sua prática, considera que “não é responsável por enfeitar a escola nos dias de comemoração. Arte é muito mais que isso, possui conteúdo e saberes que devem ser desenvolvidos” (P1). Neste sentido, percebemos grande consciência da importância do “saber arte” e “saber ser professor de arte”, que defendem Ferraz e Fusari (2010), pois ser professor de arte:

É atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações (Ferraz e Fusari, 2010, p. 51).

Novamente notamos a importância da formação inicial do professor e a ideia de que ele não atue somente no desenvolvimento de saberes específicos, porém, que esteja articulado com a utilização e a compreensão desses saberes e a forma como esses deverão ser trabalhados pedagogicamente. No trecho de entrevista exposto abaixo, podemos perceber a importância dessa base de conhecimento docente, pois “só posso ensinar aquilo que sei”:

“Enquanto professora de Artes acredito que não preciso ser uma grande pintora, nem uma desenhista exemplar. Porém, é essencial que eu consiga reconhecer uma técnica num trabalho de um artista, conceituar a parte histórica, mostrar ao aluno porque foi feito desse jeito, e porque é importante ou foi inovador” (P1).

E ainda,

“É importante também ter conhecimento da parte pedagógica, da didática, do modo de ensinar, a forma mais adequada de usar um conteúdo...” (P3).

“Acredito que é necessário o professor ter domínio das técnicas que vai

ensinar, pois ninguém consegue enrolar por muito tempo. Os alunos logo percebem que o professor não possui conteúdo” (P4).

Esse conhecimento pedagógico geral, que deve fazer parte da Base de Conhecimentos dos docentes e prevê a forma como os alunos aprendem e suas principais características, tendo em vista a idade comum a cada ciclo. Esse conhecimento sobre a maturidade de cada aluno é apontado como forma de dificuldade por alguns professores que afirmam que os alunos chegam ao Fundamental II com muita dependência e pouca autoestima, ficando muito inseguros na produção e criação artística. Acompanhe pelo quadro abaixo que reúne os trechos de cada professor entrevistado sobre as dificuldades encontradas:

“Entre as dificuldades posso apontar uma resistência quanto ao trabalho de produção artística de pintura, uma dependência dos alunos e uma falta de auto-estima dos alunos, (uma palavra correta que ainda eu não tinha utilizado), porque é impressionante a insegurança que os alunos possuem em trabalhar, eles apavoram. Dizem que seu desenho e sua pintura está feia, e que não dão conta. (...) possuem dificuldade espacial e na composição do trabalho.”“Entretanto, percebo também uma resistência muito grande em ser autônomo, dele agir por si próprio de quebrar barreiras e tabus. É tão interessante isso, sempre no começo, no início do ano, principalmente aqueles que não me conhecem, aqueles que estão comigo desde pequenininhos, no início do ano ficam meio.... mas depois lembram e começam a trabalhar , a soltar o corpo, a desenhar... e no final você vê o amadurecimento, porque é isso, no final eles estão mais maduros, de pintar o fundo, de ter começo, meio e fim”“No início eles tem vergonha, pois acreditam que sua pintura é feia, em geral seus desenhos são infantis. Assim, trabalho com representação e esquema na lousa. Vou discutindo porque esteticamente o desenho deles não está harmônico. No final, no nono ano, eles já têm vergonha de fazer um trabalho feio”“É complicado no início já que muitos alunos chegam meio crus. Há muito medo e insegurança. Outros acham que Arte não é disciplina valorizada. É complicado.” Quadro 2: Apontamentos em relação às dificuldades dos alunos na perspectiva dos professores.

Fonte: Entrevista individuais realizadas com cada um deles.

Essa dificuldade envolve a insegurança do aluno com um trabalho novo, afinal quando os alunos chegam ao Ensino Fundamental II (5º ao 9º anos) ocorrem muitas mudanças, pois a dinâmica do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), com professores polivalentes é bem diferente. Este fato demonstra que é importante trabalhar a formação artística e estética das crianças desde a educação infantil. Sendo assim, acreditamos que faz-se necessário um investimento maior na formação deste

professor dos anos iniciais (1º ao 5º anos) que é polivalente.

Outro ponto importante a destacar é o trabalho estético que a Arte desenvolve no aluno, já que nesta disciplina consolidamos, por meio de imagens e da pintura, conceitos importantes como o belo e feio. Conceitos esses que devem ser explorados a partir do contexto em que aparecem e que devem permitir o desenvolvimento crítico da realidade, levando os alunos a perceber que estes conceitos estão diretamente ligados a valores culturais e sociais. Concordamos com a afirmação de Berg (2005), quando ele afirma que “arte é um rio cujas águas profundas irrigam a humanidade com um saber outro que não o estritamente intelectual, e que diz respeito à interioridade de cada ser” (Berg, 2005, p. 12).

Não há dúvida que a Arte humaniza e, por meio de diversas expressões, onde se destaca a pintura, podemos compreender outras formas de vivenciar a humanidade, em outros tempos, em outras realidades.

Neste sentido, alguns professores percebem a dimensão humana em seu trabalho com a pintura.

“Percebo que a dimensão está na experimentação de técnicas, de materiais e de forma que eles nunca imaginariam utilizar. Bem como a expressão de seus sentimentos, a possibilidade de criar, de imaginar, de compor harmonicamente o espaço, a partir da combinação de cores, de uso de letras diferentes, etc. eles conseguem perceber o mundo diferente. Conseguem ter posicionamentos críticos em relação à sua realidade, e ter ainda segurança artística, que pode influenciar na sua profissão” (P 1).

“Percebo que a Arte desenvolve o aluno de forma integralmente, permite a experimentação. Enquanto professor você tem que aguçar os alunos a adentrar esse universo imenso e mágico, é pintar com folhas secas, é ‘fazer o gol’. É trabalhar com malabares, (...) é criar, é provocar, é instigar, interrogar... Os conhecimentos artísticos permitem que o aluno faça bem o ENEM”(P3)

O que significa dizer que os professores percebem a dimensão do trabalho com Arte e as possibilidades de desenvolvimento do aluno, demonstrando que a mesma é essencial como linguagem universal que ultrapassa os limites temporais, culturais e espaciais, permitindo que os homens compreendam essa dimensão da humanidade. Concordamos todos sobre a importância da Arte enquanto disciplina obrigatória no

Ensino Fundamental e devemos todos concordar com a importância da formação do professor de Arte. Neste sentido, no próximo item abordaremos as necessidades formativas apresentadas pelos professores.

3.2 - NECESSIDADES FORMATIVAS

Quando pensamos em necessidades formativas, estamos considerando as possíveis necessidades em relação à formação que os professores encontram a partir de sua prática. De forma geral, eles concordam que essas necessidades devem ser supridas pela formação continuada e pela aprendizagem docente, já que são dificuldades que surgem durante a atuação profissional e estão ligadas ao contexto. Observe o quadro 3, onde destacamos as falas dos professores em relação às necessidades formativas.

“Acredito, de forma geral, que é necessário o professor experimentar as diferentes técnicas, saber qual material é mais apropriado para cada um dos suportes. Saber qual a relação entre os diferentes tipos de cores. Se você não tem uma postura de experimentador, percebo que não há como ser um professor motivador e mediador. Por isso, percebo essa necessidade formativa, para muitos professores, pois quando converso com meus colegas nas reuniões ou encontros formativos, vejo que há essas necessidades” “Percebo que a todo dia eu aprendo cada vez mais. É muito gostoso ver que a cada dia aprendo mais, principalmente quando você trabalha com material apostilado, onde aprendo essa parte teórica, que antes eu não tinha. Porque antes, conforme a escola, não se podia trabalhar teoria em Arte, os alunos não queriam não, mas hoje eu vejo como isso é importante. Eu trabalho com o material do COC e vejo que as apostilas vêm com toda a teoria. Ela é muito boa com a apresentação das teorias” “Uma necessidade formativa poderia ser em relação ao uso das tecnologias no trabalho com imagem. Não que seja analfabeto digital, mas sempre é bom saber mais, porque sempre utilizo essa linguagem com meus alunos, procuro estimulá-los com isso.” “Acho que estou sempre aprendendo. Toda experiência nova, ou mesmo todo desafio que surge na sala de aula, me permite aprender. Mas, atualmente, tenho necessidades formativas em relação à própria inclusão. Em geral, acho que Arte é uma linguagem que permite aos alunos se expressarem de forma diferente da escrita, e isso facilita o trabalho com os alunos especiais, porém, sempre fico com a sensação de que é necessário mais, que posso ajudar esse aluno a se desenvolver mais” Quadro3: Necessidades formativas apontadas pelos professores.

Fonte: Entrevista individuais realizadas com cada um deles

Uma das dificuldades que surgiram em pelo menos um dos professores entrevistados foi referente à formação teórica, relacionando-a com a formação inicial, entretanto, afirmando que as mesmas acabam sendo supridas a partir das vivências na sala de aula, fazendo referência aos saberes práticos. Outra dificuldade que apareceu em outra entrevista foi em relação às políticas nacionais de inclusão, que envolve

determinações legais e são contextuais. Também é mencionada a necessidade de estar “atenado” com o mundo tecnológico. E ainda, encontramos depoimentos que procuraram realizar uma análise geral, apontando as necessidades dos colegas de profissão, o que aponta uma postura crítica em relação à profissão que desenvolve, considerando o contexto de atuação.

Podemos observar que as necessidades formativas são variadas e relacionadas ao contexto em que cada prática se insere, não há um único item que é comum a todos os professores. Percebemos que em geral as novas determinações legais criam uma necessidade formativa, como é o caso da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais. Outra necessidade formativa que apareceu nesses dados envolve a os novos desafios que surgem durante o processo, como é o caso da absorção das novas tecnologias que passam a ser incorporadas no universo artístico a partir do século XX e devem ser acompanhadas pelos professores.

Mesmo sendo apontada por apenas uma professora, devemos salientar a questão do domínio das técnicas da pintura e dos elementos que compõem o universo da pintura, o que está relacionado ao suporte e aos materiais disponíveis. Essa é uma situação preocupante, pois, este conhecimento deve ser desenvolvido a partir da formação inicial, garantido na forma de um currículo mínimo, como discutimos anteriormente.

Sob este aspecto, é interessante analisar um trecho do P2, que afirma aprender com a apostila utilizada em sua escola: “É muito gostoso ver que a cada dia aprendo mais, principalmente quando você trabalha com material apostilado, onde aprendo essa parte teórica, que antes eu não tinha.”

A partir desses depoimentos, vemos que a profissão docente está sempre em constante formação, a chamada formação continuada. Uma formação que envolve as necessidades presentes na prática e nos próprios desafios que envolvem as políticas educacionais, além do desenvolvimento de novas metodologias ou mesmo materiais, como é o caso das TIC's - tecnologias da informação e da comunicação – as quais devem ser aliadas ao ensino de Arte.

Sabemos que a formação inicial não pode dar conta de todas as necessidades da prática, mesmo porque, a prática é constantemente modificada e reconstruída. Entretanto, é importante que a formação inicial dê uma base de conhecimento sólida,

principalmente em relação aos conteúdos específicos da área, aos conteúdos pedagógicos gerais e aos conhecimentos metodológicos, fornecendo uma formação crítica que permita ao professor uma prática de qualidade que será constantemente complementada com os saberes cotidianos e com a formação continuada.

CONCLUSÃO:

Com este trabalho pudemos perceber a importância da formação inicial para o professor de Arte. Uma formação que permita o desenvolvimento de uma base de conhecimento sólida, principalmente em relação aos aspectos do domínio do conteúdo específico a ser trabalhado na disciplina específica, bem como o conhecimento pedagógico geral e o conhecimento pedagógico do conteúdo.

A formação inicial para a atuação docente em Arte é estabelecida atualmente de acordo com as recomendações legais, que, de forma geral, prevê a formação em nível de graduação em Licenciaturas específicas, e não mais genéricas, como era anteriormente. Assim, estudamos as orientações frente à Licenciatura em Artes Visuais.

Dentro do trabalho artístico entrevistamos quatro professores que descreveram suas práticas dentro do contexto do município de Barretos. Esses professores afirmaram que suas formações iniciais (antiga licenciatura em Educação Artística) estão em consonância com as necessidades práticas encontradas no cotidiano escolar, no desenvolvimento do trabalho com imagens a partir da pintura.

Entre as dificuldades e desafios frente à profissão, encontramos a questão da imaturidade e despreparo dos alunos, quando chegam ao sexto ano (ou primeiro ano do fundamental II), e principalmente, a dependência e a baixa autoestima para se aventurar na produção artística. Essa dificuldade envolve diretamente o trabalho do Fundamental I e a própria formação dos professores generalistas que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em relação à prática dos professores de Artes, percebemos, de forma geral, uma preocupação com a diversidade de materiais e com a leitura, contextualização e produção artística, porém, houve lacuna em relação à dimensão política do trabalho

docente, que só foi apontada por um dos entrevistados, fazendo referência aos colegas que se esquecem dos aspectos políticos presentes nos contextos artísticos e nas obras e movimentos artísticos.

Sobre as necessidades formativas, vemos a importância de discutir temas presentes na realidade escolar, como é o caso da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e o próprio uso das tecnologias aliadas à pintura e a imagem. Concordamos que essas necessidades formativas devem ser contempladas pela formação continuada, que permite o aprimoramento a partir dos problemas ou dificuldades encontradas na prática.

Entretanto, podemos apontar como sugestão para a formação inicial a consideração em seu currículo formativo dos temas atuais como a inclusão e a própria tecnologia, procurando estimular os estudantes e futuros professores a estar próximos das realidades educacionais, discutindo e refletindo sobre formas de superá-los. O que por si só não é o suficiente, já que a realidade escolar está em constante mudança, por isso, consideramos importante a formação crítica, que permita aos futuros professores a compreensão da situação em diversos aspectos.

Já em relação ao domínio técnico do trabalho com a pintura é correto afirmar que os entrevistados não apontaram como necessidade fomentar seu aprendizado, afirmando que a formação inicial à qual eles tiveram acesso foi suficiente. Entretanto, vimos pelos depoimentos algumas referências a colegas de profissão que sofrem com a falta desses conteúdos, o que nos faz concluir que cada caso é um caso, sendo difícil generalizar. Por isso, é importante procuramos escolher as melhores faculdades ou universidades para a formação inicial, pois vemos pela fala dos entrevistados que esse domínio é essencial para o trabalho docente.

Por fim, observamos ainda a necessidade de uma conscientização política, em relação à dimensão do trabalho artístico. Essa dimensão permite ao professor a compreensão da dimensão social de seu trabalho, valorizando o seu próprio trabalho.

Enfim, esperamos que alguns itens apontados por este trabalho contribuam para a reflexão sobre a formação do professor de Artes Visuais frente ao seu trabalho com a Imagem e pintura na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. Ensino de Arte. São Paulo: THOMSON LERNING: 2006.

AUMONT, Jacques. A imagem. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas S P: Papyrus, 1993

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil Realidade hoje e expectativas futuras. Estudos. avançados. vol.3 n°.7 São Paulo Sept./Dec. 1990. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S10&lng=en&nrm=iso&tlng= (acessado em maio 2011)

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte. Perspectiva: São Paulo, 2005.

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS para O Ensino Fundamental, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Lei no. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, n. 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996. Seção 1.

BRASIL. Lei no 5692/71.estabelece as diretrizes e bases da educação Nacional. 1971.

BRASIL. Resolução nº 3 de 3 de agosto de 2005. Define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração. Diário Oficial da União. Brasília, n 151, p. 27, 08 ago. 2005. Seção 1.

BERG, Evelyn. Apresentação In: BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de arte. Perspectiva: São Paulo, 2005.

FERRAZ, M. H. C., e FUSARI, M. R. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRA, C. A.. Uma experiência com oficina de pintura na escola: observações sobre o desenvolvimento das fases do desenho e da escrita. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional. UNIFIEO: Osasco São Paulo. 2009.

FORQUIN, J. C. A educação artística – para quê? In: PORCHER, L. (org.). Educação Artística: luxo ou necessidade? 5ª ed. São Paulo: Summus, 1982.

HERNÁNDEZ, F. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Artes Visuais. In: OLIVEIRA, M. O.; HERNÁNDEZ, F. A formação do professor e o ensino das artes visuais. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005, p. 21-42.

HUBERMAN. O ciclo de vida profissional dos professores. In NÓVOA. A. (ed.). Vidas

de Professores. Porto: Porto Editora, 1992. p.31- 61.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

JOLY, Martine. Introdução á análise da imagem; tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

_____. A construção de conhecimento artístico e didático na formação de professores. Revista Palindromo1: (2009) Disponível em http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/lensino_de_arte/2_palindromo_iavelberg.pdf

LANIER, Vicent. Devolvendo Arte à Arte-Educação. In: BARBOSA (org.) ARTE-Educação: leitura no subsolo. São Paulo: Editora Cortez: 2002

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. Edição: 2004 - Vol. 29 - N° 02

NUNES e SILVA. PINTURA E O PROCESSO DE CRIAÇÃO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS EM UMA 8ª SÉRIE DO COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR MAILON MEDEIROS BANDEIRANTES – PR. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1581-8.pdf> (acessado em 20 de setembro de 2011.)

OLIVEIRA, Marilda de Oliveira. A formação do professor e o ensino das Artes Visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In: A formação do professor e o ensino das artes visuais / Marilda Oliveira de oliveira & Fernando Hernández (orgs.). Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

Oliveira, Ronaldo, et ali. Arte contemporânea e ensino de arte na escola básica: a difícil tarefa e os desafios de se pensar a formação do professor de artes visuais. In: Anais AMPAP, – Florianópolis: 2008.

OSTROWER, F. Criatividade e Processos de Criação. 22. ed. – Petrópolis, Vozes, 2008.

READ, Herbert. A educação pela Arte. São Paulo Martins, Fontes: 2001.

RESOLUÇÃO CNE/CS n. 01 de 16 de janeiro de 2009.

RODRIGUES, K. L. O professor de arte que temos e o professor de arte que queremos. Akrópolis Umuarama, v. 16, n. 3, p. 165-170, jul./set. 2008.

ROSA, Maria Cristina. A formação de professores de arte: diversidade e complexidade pedagógica / Maria Cristina da Rosa. Florianópolis : Insular, 2005.

SMEEL. Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer de Barretos. Edital do Processo Seletivo Externo n.º 001/2011.

SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da, Formação de professores de arte e perspectivas de atuação política. UDESC: 2010 disponível em http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/2-ENREFAEB_3-Simposio-AV/02MariaCristinadaRosa.pdf (acessado em agosto 2011).

SHULMAN, L. S. Knowledge and teaching: foundations of the new reform. Harvard Educational Review, 57 (1), 1987, p. 1-22. (1987),

VASCONCELOS, Sônia Tramuja. As mudanças nos cursos de formação de professores de Artes Visuais: entre claridades e sombras. 2008. Disponível em <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/1-EncontroGrupoPesquisaArteEducacaoFormacaoContinuada/13SoniaTramujaVasconcellos.pdf> acessado em setembro 2011.

Anexo:

Roteiro de Entrevista com professor:

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES:

Parte 1: IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

- 1- Nome:
- 2- Qual a sua formação inicial?
- 3- Há quanto tempo leciona a disciplina de Artes?
- 4- Como você avalia a sua formação inicial?

Parte 2: PRÁTICA PROFISSIONAL:

- 5- Descreva sua prática docente em relação ao trabalho artístico com a pintura no ensino fundamental (ciclo 2), dizendo que tipo de atividades você faz, quais são os conteúdos trabalhados, quais os objetivos desse trabalho?
- 6- Que tipo de dificuldades você encontra para trabalhar com a “pintura” na sala de aula?
- 7- Há comportamentos resistentes na sala de aula frente ao seu trabalho de Artes?
- 8- Como você percebe a dimensão de seu trabalho, com pintura?

Parte3: NECESSIDADES FORMATIVAS:

9- Qual a importância do domínio técnico na pintura para seu trabalho na escola?

10- Pensando em seu trabalho com “pintura”, quais são as necessidades formativas que você poderia apontar?

11- Como você acredita que essas necessidades poderiam ser contempladas em sua formação inicial?

TRANSCRIÇÃO DE UMA DAS ENTREVISTAS

Professor 2- Joana⁵

Questão 1: Inicialmente eu comecei fazendo Educação Artística pela PUC-Campinas. Após uma no como sempre quis fazer Arquitetura, resolvi parar Artes para fazer Arquitetura. Depois de formada por causa desse um ano de Artes, fui convidada para dar aula, e quando vi sempre estava dando aula de Artes, a profissão me escolheu. Assim, retornei a faculdade para terminar Educação Artística na Universidade de Franca- UNIFRAN.

Eu leciono a 23 anos, quase 24 dando aulas na escola pública (estadual) e particular, em todos os níveis de ensino, “de mamando a caducando”, sempre dei aula.

Questão 2: Eu acredito que sim, ate porque muitas vezes as pessoas não entendem, porque eu tenho um conhecimento de matemática, e por isso consigo ver os artistas tanto pelo seu lado plástico, como pelo lado matemático. Eu sei o que pensa o pessoal da Artes e sei o que pensa o pessoal de Artes, então quando trabalho matemática, trabalho de forma artistica relacionando as duas disciplinas eu gosto muito e vejo que as crianças entendem muito por esse ângulo. Mas também eu sinto uma barreira pois quando me vêm como professora trabalhando assim, vejo uma certa resistência, então procuro adaptar e trabalhar mais a parte plástica.

5 Os nomes utilizados são fictícios.

Questão 3: então eu trabalho muito com meus alunos o guache. Porque de alguma forma vejo que o guache proporciona para gente uma utilidade mais rápida, afinal só temos uma aula por semana, e também mais organização com o aluno, permite que dê continuidade numa próxima aula, ou até mesmo em casa. Procuo deixar o aluno desenvolver mesmo essa coisa da criatividade, e recebo algumas criticas por isso, eu não seguro muito o aluno, eu percebo pela minha formação que era isso mesmo que tem que ser feito, deixar criar por si mesmo. Eu faço a proposta, eu apresento o tema, desenvolvemos a técnica, por exemplo, sobre o impressionismo, falamos o que era esse movimento, sobre artistas impressionista, aí depois que nós falamos essa teoria eu deixo o aluno criar. Aí o aluno vem chamando a gente, querendo que a gente ponha a mão, que ensine o desenho, mas com esse trabalho eu vejo a evolução de inicio do ano e do final. No final ele já compreendeu o que eu estou querendo, o que estou pedindo, é muito gostoso ver esse resultado final, porque trabalhar Arte não é algo fácil. Entretanto percebo também uma resistência muito grande em ser autônomo, dele agir por si próprio de quebrar barreiras e tabus. E tão interessante isso, sempre no começo, no inicio do ano, principalmente aqueles que não me conhecem, aqueles que estão comigo desde pequenininhos, no inicio do aluno ficam meio.... mas depois lembram e começam a trabalhar , a soltar o corpo, a desenhar... e no final você vê o amadurecimento, porque é isso, no final eles estão mais maduros, de pintar o fundo, de ter começo, meio e fim.

Mas eu não trabalho só com guache não, eu uso também o espuminho e o giz de cera. Primeiro eu trabalho com o guache, depois eu apresento o espuminho com 3B, apresento o giz de cera, o pastel. E no final eu dou a oportunidade de escolha, pedindo para que os alunos escolham a técnica, o materiais a que eles preferem usar. E eu percebo muita variedade, uns preferem espuminho 3B, outros preferem guache, e assim vai, eles vão tendo a sua própria preferência.

Questão 4: Entre as dificuldades posso apontar uma resistência quanto ao trabalho de produção artística de pintura, uma dependência dos alunos e uma falta de auto-estima dos alunos, (uma palavra correta que ainda eu não tinha utilizado), porque é impressionante a insegurança que os alunos possuem em trabalhar, eles apavoram.

Questão 5: vejo muita resistência, mas posso falar que a escolas em que trabalho há muito respaldo para o trabalho do professor. Eu trabalho em duas escolas

particulares. Mas é necessário sempre ter esse respaldo, eu sinto que esse apoio é fundamental. Eu percebo que nas escolas estaduais os professores sofrem muito com os alunos, porque realmente falta um respeito direto com o professor, falta um respaldo da escola. Existe resistência do aluno que vem de casa, muitos não acreditam na Arte, e atrapalham. Entretanto vejo que há muitos alunos que gostam dessa disciplina, e são meios que desprezados dentro da sala de aula. Mas aí você vai levando, tendo jogo de cintura, e com muita cautela, eu apoio esses alunos, para que os outros não “embirrem” com eles. Uso esses alunos que gostem e fazem quase como exemplos para que eles possam ser modelos para os outros alunos.

Questão 6: Suas necessidades formativas: Percebo que sempre a gente está aprendendo, Percebo que a todo dia eu aprendo cada vez mais. É muito gostoso ver que a cada dia aprendo mais, principalmente quando você trabalha com material apostilado, onde aprendo essa parte teórica, que antes eu não tinha. Porque antes conforme a escola, não se podia trabalhar teoria em Arte, os alunos não queriam não, mas hoje eu vejo como isso é importante. Eu trabalho com o material do COC e vejo que as apostilas vem com toda a teoria. Ele é muito boa com a apresentação das teorias. Assim, eu acho que estou aprendendo com as apostilas, porque antes eu trabalhei muito mais a prática, durante muito tempo foi só a prática. Além disso eu percebo que o professor de Artes estuda tanto mas quando chega na escola as pessoas só querem a prática, o artesanato. Se você fala alguma coisa teórica os alunos te recriminam, desde pequeninhos. É difícil trabalhar com isso, até para os pais entenderem a importância disso.

Questão 7: Bom eu acho que os cursos de Artes, Normalmente são muitos bons, dão uma formação básica para o professor. Mas na prática, no trabalho profissional é que os professores vão encontrar as dificuldades, talvez seja o caso de muitas dessas dificuldades serem contempladas na formação inicial. A cobrança dos professores, na faculdade é importante, nos prepara inclusive para agir na sala de aula, onde o professor deve ter muito jogo de cintura para com o aluno.